

## PREÂMBULO

# O SER HUMANO: FUNÇÃO E AÇÃO EXISTENCIAL

O homem move-se, por décadas, séculos, evos imemoriais - o lento fluir dos tempos, esteiras da universalidade, fieiras da eternidade. Um processo histórico, evolutivo desde o alvorecer da consciência humana, que se processa por experiências, premissas, condições genéticas, geográficas, contextuais, político-sociais, as mais complexas ou episódicas. Glórias, agitações, tumultos, rancores, temores, amores, aflições, prazeres, crueldades, altruísmos, a comporem, dentre tantas, a cenografia de uma humanidade em trânsito e transe existencial.

Uma caminhada na transitividade dos milênios. Atores, observadores, artífices da história, eis o que somos. Um contínuo fazer/refazer, o incessante aprimoramento de estruturas morais e intelectuais, a ânsia da espiritualidade, em que estados d'alma são recapturados, personalidades cinzeladas, complexidades pessoais e motivacionais são intermitentemente reavaliadas. O apelo irresistível – embora as quedas e acidentes - de ascensão, de subirmos, enlevados, a escada de Jacó, a espiral cósmica.

## AO PÉ DA FOGUEIRA

### DE RATAZANAS E RATINHOS...

Jasminor Simões Coelho (07/09/1902 - 06/02/1972) gerenciava, em nossa região, o escritório da Companhia de Estanho São João del-Rei, empresa mineradora multinacional controlada pela holding Banc du France/Banco da Indochina, com sede em Paris, que mantinha oficialmente, entre nós, em áreas próximas a Mercês de Água Limpa e Nazareno a exploração de jazidas de cassiterita, tântalo, djalmaita.

Empresa de grande porte,<sup>(1)</sup> seus serviços de pesquisa, prospecção e produção de minérios atraíam a atenção geral, desde moradores da região, clientes, autoridades, até a fiscalização estatal. E, obviamente, em se tratando de Brasil, com sua secular trupe de corruptos e corruptores, locupletados nos mais diversos setores públicos e privados. O imaginário, o falatório sobre o que era produzido pela empresa, qual o montante da produção, o destino do minério beneficiado, especulações sobre a apuração de minérios radioativos, de que saíam carregamentos às ocultas e por aí afora, corriam à solta!

Dr. Roger Maurice Martin (1925-1976), francês de origem, alto executivo do Banc du France e presidente da holding no Brasil, cuidava no Rio de Janeiro, então capital do País - com a ajuda de técnicos e lobistas experientes - de todos os trâmites e assuntos de interesse da poderosa empresa. Contatos com autoridades, parlamentares, no Ministério da Energia, na área de comércio exterior, alfândega, advogados, vendas... Embora estrangeiro, pegara rápido os escaninhos e subterrâneos da burocracia, aliás plutocracia estatal. Ficava escolado e escovado ao lidar com "graúdos" e mesmo "miúdos" de toda laia, encastelados por toda parte: gente de colarinho branco, terno e gravata, parasitas, oportunistas... Maracutaiais. Propinas. Pedidos de "agradados" e dos gordos... Corrupção deslavada que herdamos do regime colonial português. Sem molhar a mão de figurinhas e figurões, praticamente nada avança(va) nos corredores, mesas e escrivaninhas das repartições...

O escritório regional da mineradora, certa feita, é visitado pela fiscalização. Uma espécie de devassa. O fiscal-chefe, trajando finíssimo terno de linho, óculos escuros, todo paramentado, suntuoso e ostensivo no falar, ali requer documentos, livros contábeis, controles de lavra, pesagem e saída de minerais, comprovantes de recolhimento de tributos, regularização junto à Fazenda, uma parafernália de papéis, o que lhe é fornecido e liberado, dentro das condições do escritório (muitos dos documentos requisitados extrapolavam a fiscalização tributária, outros dependiam de cópias a serem fornecidas pela Central no Rio de Janeiro, etc.). Jasminor Simões, na condição de gerente regional, leva o fato ao conhecimento de Dr. Martin.

Daí a dias, retorna o enfatuado fiscal. Fala em números absurdos de autuação. Discrimina falhas, menciona erros, insinua "burlas". Ameaça mundos

Somos a expressão do movimento, sujeitos da civilização com seus diversificados relevos: social, cultural, político, religioso, econômico, artístico, científico. Excitação, suscetibilidade ante as eternas atrações do desconhecido, do insólito, do misterioso do devir. Arquivos indelévels da memória guardando registros, conceitos, fatos que transbordam através de existências e transpõem, em elos, as infinitas dimensões da Vida. Acervos, biografias, mutáveis cenários, que fazemos desfilar, ora em vistosas carruagens, por fastuosas avenidas, ora em carcomidos andrajos por obscuras, soturnas vielas.

Uma Lei Maior nos rege e a que custamos entender, exercitar. O preceito da solidariedade, a fraternidade que une todos os seres e povos; o partilhamento de bens, a mutualidade, a plena doação no servir, o esforço conjunto do progresso, que são a expressão natural, a Divina comunhão do Amor, legadas a nós pelo Pai e ratificada, a todo momento, pelo Verbo do Cristo, em sua gloriosa vinda à Terra, dois milênios passados...



e fundos, minas e caroços. À boca pequena, entredentes, no disfarce, no sutil, informa aos funcionários, atônitos, que, "conforme o agrado", tudo se resolvia. Que, como fiscal, ele teria como suavizar e minimizar a autuação, pois, - assim justificava - a legislação mineradora era precária e dava margem a interpretações distintas. Bastava lançar como prospecção para análise ou para simples pesquisas e assim desaparecia o item "produção". Chegou a falar, a grosso, no valor do "agradado"...

Novamente, Jasminor Simões<sup>(2)</sup>, sem esconder sua indignação ante o acaque do fiscal, leva ao conhecimento de Dr. Martin. O francês pede muita calma, muita fleugma a Jasminor. Recomenda-lhe que o fiscal se entendesse diretamente com a matriz. As "negociações" seriam através da Central e não do escritório em São João del-Rei. Daí a dias, chega, vindo da Central no Rio de Janeiro, aos cuidados do escritório da Companhia em São João del-Rei um grosso embrulho, colossal volume, endereçado ao fiscal do "agradado". Caixas de uísque escocês, peças de prata, e um envelope pardo, perceptivelmente bem recheado, com a expressão "Estritamente Confidencial". Um bom "tutu"... Jasminor se exaspera. Telefona a Dr. Martin.

- Mas, Dr. Martin, nossa documentação acha-se em perfeita ordem. Estamos em dia com o Fisco... É um absurdo, um despautério, nos rendermos à chantagem desse fiscal de meia tigela...

Dr. Martin, do outro lado da linha, dá uma larga risada e esclarece a Jasminor, aturdido:

- Em comparação com as ratazanas do governo aqui no Rio, o que o nosso amigo aí pediu - aliás um ratinho bem chinfrim - é fichinha, é picolé de criança... Portanto, Jasminor, acalme-se... Entregue os "pacotes" para o homenzinho aí... Este seu País é assim mesmo!

1- Sobre a Companhia de Estanho S. João del-Rei e seus diretores, ver matéria em nosso boletim nº XV, Outubro/2008.

Esclareça-se que o Banc du France mantinha diversas outras empresas mineradoras no Brasil, à época, dentre Morro do Niquel, Cia.Catalão, Xelita, Vulcabrás, Cia. Niquelândia, etc. com explorações de níquel, nióbio, xelita, cassiterita, tântalo, djalmaita, dentre tantas modalidades de minérios.

2- Sobre Jasminor Simões Coelho, ver matéria em nosso boletim, edição nº XL, Janeiro/2011.



# ADIVINHAS

Eu aumento; mas nunca me reproduzo  
Vivo de ar, mas nunca respiro  
Devoro muitas coisas, mas nunca como  
Muitas vezes sou medido pelo meu calor  
Quem sou eu?

Respostas: Fogo

## Provérbios e Adágios

- Mel, se o achaste, come o que baste.
- Bigode, grosso, respeite o moço.
- Jacaré parado na lagoa, vira couro (bolsa).
- Couro curtido e molhado nem Deus espicha.
- Quem aos trinta não pode, aos quarenta não sabe e aos cinquenta não tem, não pode, não sabe, não tem.
- Dos quarenta anos prá riba, não molhes a barriga.

## Para refletir:

- “Quando me ordenas cantar, parece que o meu coração vai arrebentar-se de orgulho” (Tagore)
- “O arqueiro ama a flecha que voa e assim também o arco que permanece estático” (Khalil Gibran)
- “Não tentes decifrar o amplo segredo das forças silenciosas” (Carlos Drummond de Andrade)
- “As pátrias extinguem-se quando se perde a memória do passado” (Alexandre Herkulano)
- “Não levante a pedra até ter a certeza de que ela não lhe cairá sobre os pés” (Provérbio chinês)
- A vida passa e esculpe caminhos inesperados que não são palmilhados em vão (Frida Khalo)
- Somos cidadãos da eternidade. Aquele que abriu mão de sua terra natal, abriu mão de Deus (Fiedor Dostoiévski)

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibebe Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula  
Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Renata Aparecida de Paula Serpa  
E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

### COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG  
CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107  
Falar com Renata Aparecida de Paula Serpa

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



## CORREÇÕES

• Matéria “Códigos e linguagem de amor no passado”, texto pesquisa da Prof.<sup>a</sup> Antonia Beatriz de Oliveira Silva e cujo nome saiu incorretamente na edição do boletim nº XCI, Abril 2015. Nossas excusas pelo involuntário erro e cumprimentos à esta grande educadora de nossa Comunidade

• Sr. Geraldo Zumba – matéria publicada no boletim nº XCI, Abril/2015. Algumas observações: 1. Faleceu em 1969, em Belo Horizonte, onde estava internado. Segundo informações de familiares, seu corpo teria desaparecido, não sendo entregue à família.

2. Familiares do sr. Geraldo questionaram o teor da matéria, julgando-a desmeritória e talvez pejorativa. Informam que o sr. Geraldo, apesar de suas limitações normais, era pessoa inteligente, arguta, laboriosa. Dotado de extraordinária memória, destreza mental, facilidades mnemônicas, lia muito, sabendo de cor e declamando textos dos maiores escritores brasileiros. Seria um injustiçado, incompreendido, com habilidades cênicas e teatrais, numa sociedade elitizada, que pouco valoriza e respeita as pessoas diferentes e especiais.

Fica o registro. Voltaremos ao tema oportunamente.

• Matéria “Comerciantes são-tiaguenses do passado”, publicada em nosso boletim nº LXXXIII – Agosto/2014. Fomos informados, em especial por familiares, que o sr. Alberto Luz Santiago (Beco) foi marcante empreendedor de nossa comunidade, nas áreas de comércio, pensão e lazer, em especial em sua propriedade na Praça da Matriz. Foi ele um dos pioneiros na promoção de bailes, atividade que desenvolvera por décadas.

Registramos a informação.

## Conservação de estradas, mataburros e pontes

Muitos produtores rurais e usuários da região queixam-se das más condições das estradas, sejam elas rodovias oficiais ou circuitos vicinais. Sua não conservação pelo Poder Público. Em um dos municípios vizinhos, proprietários estão procedendo, às próprias custas, a limpeza e manutenção de mataburros. Pedidos aos responsáveis ficam na “enrolação”. Ante o assoreamento dos mataburros, veem-se forçados a limpar os vãos e laterais, trocar assoalhados danificados, tirar enxurradas, até mesmo tapar buracos no leito das estradas, por onde transitam grande número de veículos e que geram produção e riqueza: carneiros, carreteiros de leite, grãos e gado, até mesmo vans escolares...

Muitos se perguntam: para que ou onde está o Poder Público?!

# TIPOS POPULARES FEMININOS

Ao longo da história, algo típico das cidades, em particular as de pequeno porte, vários tipos populares compuseram o cenário social, sendo assim referenciados, ao longo das décadas, pela oralidade e população. Figuras pitorescas, bizarras, burlescas, com suas características e truanices que ora geravam a alegria, a bazófia, ora o temor, principalmente às crianças, mesmo aos adultos, que, por peraltice ou má índole, ridicularizavam-nas, afrontavam-nas. Pessoas geralmente sofridas, maltratadas, marginalizadas, esquecidas pelo Poder Público, às vezes pela própria família, expostas à abominação pública, sobrevivendo por força da caridade alheia.

Personagens que, curiosamente, vão desaparecendo. Dentre os vários tipos populares femininos do passado, entre nós, merecem referência:

• **Maria Paga** – Casada com Francisco “Pagão”, com quem teve cinco filhos. Daí o seu apelido “Paga”. Circulava pela cidade de forma maltrapilha, roupas rasgadas, cabelos desgrenhados. Dizia palavrões a qualquer hora, em qualquer lugar. Alegava proceder, dessa forma, por ser maltratada pelo marido, com quem se altercava frequentemente.

• **Barbosa** - Seu verdadeiro nome era Maria Domingas do Espírito Santo. Negra, portava sempre roupas rasgadas, desconjuntadas. Nascida no ano de 1907 em São Tiago, filha de João Barbosa e Rosa Balbina de Moraes. Casada, não teve filhos. Resmungava pelas ruas, com sons ininteligíveis e tatibitates, daí ser achincalhada, provocada por crianças, retornando ela, em represália, xingamentos e palavras de baixo calão. Faleceu em 26/07/1976.

• **Maria Bosta de Vaca** – Maria “Marciano”, negra, alta, obesa, era casada com o sr. João Marciano, com quem teve 2 filhos: José e Geraldo. Embora mulher trabalhadeira, dominando quase todas as modalidades de serviços braçais e artesanais, honrada, tinha o hábito de resmungar e gargalhar pelas ruas. Tornou-se vítima das crianças que a apelidaram de “Bosta de Vaca”, por ter os pés grandes, “esborrachados”. Era também apelidada de “Maria Macela”, pois, dormindo em travesseiros velhos e esburacados, recheados de macela, os galinhos se soltavam, prendendo-se durante o sono aos seus cabelos, e assim, despenteada, macela dependurada por todos os lados, saía às ruas. Era igualmente benzedeira, prestando, nesse sentido, muitos serviços à população. Faleceu com mais de 70 anos.

• **Outras** – senhora de nome “Coca”, da família do sr. Joaquim Catimbau (ou Catimbu) – **Maria do Buracão**, que



tinha o costume de atirar tijolos e pedras em veículos que passavam pela rua

Havia as mulheres (homens também) tidas como portadoras de “mau olhado”<sup>(1)</sup>. Uma delas, ACM, residente na periferia da cidade, era o pesadelo das donas de casa. Sabões de decoada, doces, carnes nos tachos, quando confeccionados, ao simples olhar ou até mesmo chegados ao seu olfato, se perdiam. As donas de casa colocavam crianças ou mesmo adultos, de tocaia, na entrada das ruas, a fim de avisarem da eventual presença da indigitada senhora, induzindo-a, caso estivesse pelas redondezas, a ir por outra rua, com a desculpa de haver cães bravios por ali.

Segundo a crença popular, a pessoa portadora/transmissora de “mau olhado” adquirira tão nefasta propriedade, porque, à hora da consagração olhara para trás, em desdém ao momento sublime da sagração ou então, tivera, naquele momento, pensamentos sacrílegos.

Sobre o instigante tema do “mau olhado”, ver matéria em nosso boletim nº LXII, Novembro/2012

**Alguns tipos masculinos: Zé Lavagem**, morava próximo à Praça S. Vicente (casa que viria a ser do sr. Aquim Maia); **João Elefante**; João Ribeirão (andava sempre com um cobertor sobre o corpo. Ai da pessoa que simulava arregaçar as barras da calça, insinuando atravessar um córrego. Era briga feia com o João Ribeirão...

**João Ribeirão** – Era vítima de chacinhas por parte da gurizada e ainda de adultos. Se alguém levantasse ou dobrasse a barra da calça perto dele (como se fosse atravessar a vau um córrego ou rio), era vítima certa de vociferações, agressões verbais e mesmo físicas. Julgava ele que a pessoa o estava insultando, simulando com tal gesto uma referência ao seu apelido, por ele tão detestado.





# O LOUVADO

Atividade das mais essenciais do passado, o louvado era um profissional prático, perito que, pela sua experiência, idoneidade e juízo, procedia à medição de terras, além de atribuir valor a determinados bens móveis, imóveis, semoventes etc.

Eram os louvados pessoas que gozavam de ampla respeitabilidade e conceito social, sendo também conhecidos como “avaliadores”. Trabalhavam por conta própria ou eram nomeados para proceder a uma avaliação, portanto pessoas de fé pública. Seus indispensáveis serviços eram solicitados geralmente em casos de partilha de herança, avaliando e conferindo valor a todos os pertences que compunham o patrimônio familiar, incluindo terras, benfeitorias, lavouras, utensílios, maquinários e implementos, animais, formando-se os lotes ou quinhões com estimativas (equivalências de valor) para distribuição equânime entre os herdeiros. Era uma profissão regulamentada nos tempos de Colônia e Império. Há registros históricos de louvados no antigo Egito, no tempo dos faraós, com a função de medições e divisões das áreas férteis do Rio Nilo.

O termo “louvar” tem aqui a acepção de “escolher”, “confirmar” ou seja o louvado é pessoa contratada, escolhida, confirmada pelas partes para resolver pendências judiciais ou extrajudiciais concernentes aos direitos patrimoniais. Ou seja, um mediador, árbitro, avaliador, conciliador.

Eram, os louvados, homens de sete fôlegos e portadores necessariamente de temperamento firme, senão férreo. Tinham que adentrar matas, atravessar rios, lagoas, brejos, paludes procedendo a medição de terras e respectivos quinhões, dando-lhes os respectivos e competentes valores, pois muitos herdeiros beneficiários eram “criadores de casos”, os “espertinhos” de sempre, discordando de seus lotes, outros dando-lhes excessiva importância material, sentimental etc. Portanto, tinham que ter conhecimento de relações públicas, psicologia prática, autoridade efetiva, pois os conflitos e os ânimos exacerbados entre herdeiros eram – e ainda são - frequentes.

As áreas com matas eram mais valorizadas, porquanto inexistindo práticas de conservação do solo, técnicas de fertilização química (adubos) e legislação de preservação ambiental, dizia-se que “terra descansada”, “terreno fresco” eram propícios ao desmatamento e plantio de lavouras e pastagens. Ocorreu, com essa prática, uma subtração de enormes áreas, pois, a cada divisão e fatiamento de glebas, os herdeiros (novos proprietários) jogavam mais e mais árvores ao chão.<sup>(1)</sup>

Com o surgimento de profissionais formados em agrimensura, a profissão ou a atividade de louvado virtualmente desapareceu. Restam ainda alguns “entendidos”<sup>(2)</sup> que, pela sua experiência, bom senso e probidade, ainda prestam serviços de assessoramento na partição e desmembração de glebas e outros bens, especialmente quando há desavenças entre familiares ou confrontantes. Com a aplicação da agrimensura (denominada atualmente de Geomensura), a introdução recente do sistema GPS (geoprocessamento e georreferenciamento com a utilização de equipamentos eletrônicos de ponta e alta precisão, geodésia por satélites, sensoriamento remoto, etc.), os serviços outrora realizados pelos abnegados louvados na ponta da botina hoje se fazem do alto, por satélites...

FOTO: INTERNET/DIVULGAÇÃO



## NOTAS

1- O Código Florestal de 1965, Lei 4771, criou a exigência da Reserva Legal em que 20%, no mínimo, de cada propriedade, deverá ser/estar coberta de mata, formando estoque estratégico de madeira e de uso restritivo. A reserva legal é hoje denominada como área de preservação permanente (APP)

2- Nossa região sempre dispôs de notáveis louvados no passado e alguns “moicanos” ainda no presente. São lembrados os nomes dos srs. Jurandir de Sousa (Jacarandira), sr. Job Rodrigues Viana, sr. Pedro da Silva Santos (Pedro Coelho), sr. João Coelho da Silveira, sr. Zinho da Várzea Alegre, sr. Sansão Mata (Zinho Mata), sr. José Jacinto Lara, sr. José Matinha (Passa Tempo), sr. Wilson Resende (Resende Costa), sr. Teodolino e sr. Mizaél (Oliveira), sr. Antonio Procópio de Resende, sr. Miguel Bernardes de Assis (Miguel da Natinha) e ainda “no batente” os srs. Francisco Aristeu Pereira, sr. Noé Lara, sr. José de Oliveira Reis etc.

Tamanho a autoridade técnica e moral de um louvado (assim narrou-nos o sr. Antonio Fernando Coelho) que o sr. Antonio Procópio, ao resolver uma questão de limites (tapumes) entre dois proprietários rurais na região da Lagoinha, viu-se controvertido, questionado sobre sua decisão por um dos querelantes, jovem ainda. Procópio redarguiu: - Antes de você vir ao mundo, seo moço, eu já media terra...

## CURIOSIDADE

### EXPRESSÃO “CAVALO DE VIÚVA”

Havia um peculiar costume, tempos idos, em que, morto o marido, a esposa guardava-lhe luto fechado, no mínimo, durante um ano. Nesse interim, nenhum bem do falecido poderia ser modificado, permanecendo tudo intocado, até que se efetivasse a divisão e distribuição do patrimônio por ele deixado. Muitas viúvas, dessa forma, negligenciavam-se da aparência, até da assepsia pessoal – desleixadas, roupas escuras e fechadas, olheiras fundas, cabelos descuidados. Vestido preto, sapato preto, meias pretas, fita crepe durante um ano (Crepe era uma barra franzida que se pregava na roupa). Estranhos costumes, severas normas sociais e religiosas de então que anulavam, tornavam envelhecidas à força as pessoas, especialmente as mulheres...

O desleixo chegava à sede da fazenda, currais e barracões caindo, cercas ao chão, animais negligenciados, entregues à própria sorte.

A evidência mais visível desse estranho costume eram os equídeos, que sem cuidados (banhos, tosas, raspagens) exibiam um aspecto deplorável. Encarrapitados, descuidados, as crinas compridas, sujas, infestadas de carrapichos, pendendo do pescoço, quase tocando o chão daí a expressão “cavalos de viúva”. Uma imagem e uma impressão desagradável para os observadores, vizinhos e viajantes.

## Agumas profissões antigas e suas denominações

Muitas profissões do passado, realizadas por autônomos, tinham denominações singulares, algumas delas desapareceram, outras foram se adaptando por força do progresso e novos tempos.

- **Alfaiate**
- **Alfarrabista** (livreiro especializado em livros antigos)
- **Ama seca** (cuidadora de crianças – babá)
- **Amolador** (ambulante que afiava tesouras, facas; consertava guarda-chuvas, painéis etc)
- **Ardina** (jornaleiro – vendedor ambulante de jornais)
- **Calceteiro** (operário calçador de ruas com pedras justapostas; empedrador)
- **Calista** (hoje podólogo)
- **Costureira**
- **Fotógrafo a la minute** (fotógrafo ambulante; lambe-lambe)
- **Guarda livros** (pessoa do comércio ou funcionário que escriturava os livros mercantis – hoje o contabilista ou contador)
- **Lavadeira** (hoje substituída pelas lavadoras domésticas e lavanderias industriais)
- **Limpador de chaminés**
- **Modista** (hoje estilista)
- **Rábula** (advogado prático)
- **Solicitador** (auxiliar de advogado, legalmente habilitado, para requerer em juízo ou promover andamento de feitos forenses)
- **Taberneiro** (hoje lanchonetes)
- **Trapeiro** (comprador de trapos. Hoje reciclador)
- **Varina** (vendedor ambulante de peixes)
- **Verificador** (funcionário encarregado de verificar a aplicação de impostos às fazendas apresentadas para despacho)



# DA FABRICAÇÃO DE DOCES, SABÕES E ... MAU OLHADO

Idas e vividas décadas. Séculos corridos. O então arraial de São Tiago com suas ruelas de terra batida, poeirentas – ou barrentas, se nas prolongadas estações de chuva.

População vivendo precariamente. Sobrevivências e abstinências. As atividades agropastoris eram mais proeminentes: trabalho de oito nas fazendas, lide com o gado, serviços de almocreve e tropeiros no transporte de cargas; boiadeiros e peões na condução de rebanhos.

Algumas atividades artesanais e autônomas, ao rés da rua, aproveitando-se o trânsito de comboios e viajantes por esses ríspidos caminhos e picadas em direção a Goiás ou à Corte. Rústicas olarias de tijolos, telhas e adobes, curtumes, sapatarias, selarias, tanoarias, alfaiatarias.

Conformavam-se as mulheres nos seus misteres caseiros. Mistérios, magias femininas. Serviços e afazeres domésticos de rotina. Lavar, cozinhar, limpar, cerzir, pilar, gerar, orar, bordar, fantasiar... Mãos na massa, corações em suspirados voos... Mãos gráceis, habilidosas, amorosas. O indócil recato. Dotes e predicados mil na culinária, no característico artesanato. Mulheres que complementavam a renda familiar com pequenos e esmerados – muitas vezes, pesados – labores. A produção doméstica de doces (de cidra, de marmelo, de abóbora, de laranja-da-terra, de batata, manga, pêsego, etc.), de licores (de pequi, jabuticaba, ameixa, maracujá, laranja, pêsego, banana, leite, cajá, tamarindo, etc.) ou quitandas as mais variadas e tradicionais, vendidas no “comércio” ou de porta em porta e principalmente aos viajantes que atravessavam essas plagas e aqui faziam “pontos” de parada, (para descanso e abastecimento de víveres para tropas, boiadas e caravanas) após os estafantes itinerários e percursos. Brevidades, pães de queijo, broas de fubá mimoso, biscoitos de fubá de canjica, quebra-quebra, de amendoim, rosquinhas, pamonhas ou cobus assados em folhas de bananeira, em palhas de milho verde, panquecas, tarecos, roscas folhadas, roscas-da-rainha, babas-de-moça, línguas-de-sogra, papos-de-anjo, beijos-de-noiva, quindins, canudos, mães-bentas, pudins, sorrisos-de-noiva, casadinhos, pães de ló, sonhos e outros tantos pratos compunham o variadíssimo e requintado arsenal de biscoitos e quitandas colocados à disposição do freguês. Um prazer para os sentidos. A fumaça subindo pelos suspiros dos fornos e das chaminés cheirando a alecrim queimado, exordando, exarando odores os mais embriagadores. Depois, as guloseimas e épulas nos tabuleiros e jacás, besuntadas de manteiga, polvilhadas de açúcar e essências nativas, um brilho para os olhos e o aroma gostoso, oloroso, aguçando o paladar, fazendo com que aventureiros e moradores esquecessem dissabores e durezas do dia-a-dia,



FOTO:INTERNET/ ALZIRA AGOSTINI HADDAD/DIVULGAÇÃO



enquanto em torno à mesa, degustavam-se tantas iguarias, divinas vitualhas.

Outra atividade local – e esta menos ou sem nenhum glamour – era a confecção do sabão “decoada” (ou de “cinzas” ou “preto”, devido a sua coloração), que geravam economia doméstica ou mesmo renda extra familiar. O sabão industrializado era caro, praticamente inexistente nas prateleiras dos armazéns da época.

Muitas mulheres e até mesmo homens, independentemente da condição social, dedicavam-se a esse duro e por vezes nauseante serviço. O sabão era produzido em tachos de cobre ou painéis de ferro, tendo como matéria-prima restos de gordura, sebo, vísceras de animais, a qual se agregavam ramos campestres e essências vegetais (mane-turé, timbó, mutamba, etc.) formando uma pasta, levada ao fogo para cozinhar.

O sabão “decoada” era muito utilizado nas lides domésticas –

IMAGEM INTERNET/DIVULGAÇÃO



para lavar panelas, roupas, vasilhames etc. sempre com a ajuda de uma bucha vegetal ou lambaios feitos de palha de milho ou de sambaíba. Esse tipo de sabão era uma forma de se aproveitar recursos ambientais à época de nossos antepassados, comuns nas fazendas, como cinza de fogões, sobras de suínos abatidos, alguma rês morta etc. Para a limpeza de pisos e assoalhos, utilizavam-se ainda medas de agave (piteira), cuja espuma exsudada ajudava no fatigante processo de limpeza. (ver receita de sabão decoada no box)

Tanto na produção de biscoitos e doces quanto na de sabão, havia um inimigo imprevisível, por vezes invisível e que causava pânico nas forneiras, donas de casa. O mau olhado. Afirmava-se e até comprovava-se que certas pessoas, portadoras de “olho ruim”, ao ver e simplesmente sentir o cheiro de quitandas e sabões no ar, punham a massa toda a perder. Havia já, de conhecimento geral, os detentores desse estigma e sua presença, ainda que pelas redondezas, trazia preocupações a todos. Certa senhora em São Tiago ficou famosa por ser detentora dessa morbidez e as famílias, além de providenciar esconjuros e rituais “repelidores”, acostumavam colocar crianças e outros moradores de sentinela nas proximidades – e cachorros a serem estumados - que à simples presença da “estragadora” ou “olho ruim”, davam o alerta ou ainda tentavam distrair a famigerada senhora a dar voltas, deslocar-se por outras ruas a engatar uma forçada marcha a ré....

## RECEITA DE SABÃO “DECOADA”

Ingredientes básicos: ½ saca de cinza; 1 balaio médio; 1 saco de estopa; 20 lts de água; tacho de fundo médio

O barrilheiro feito de cinzas. A cinza bem socada, deixando-a uniforme dentro de um pilão; a seguir, posta dentro de um saco de estopa e daí acondicionada dentro de um balaio ou jacá. Despejar 20 lts. de água, de forma a coar a cinza, deixando-a emersa por uma noite

## MODO DE FAZER

a cinza deve estar bem socada, feito pó, para a água filtrar bem; depois é colocada dentro de um saco de estopa, daí num balaio médio, este por sua vez dentro de um tacho. Deixa-se coar a noite toda (para tal colocados 20 lts de água). Sobre esse caldo coado e já no tacho são acrescentados 2 kg de torresmo e barrigada devidamente limpa de porco e assim levada ao fogo. Cozinhar em fogo médio, por cerca de 3 horas, até ficar consistente. Deixar passar uma noite e no dia seguinte estará em forma de sabão, de cor escura, tipo cinza molhado, para consumo.



# COMUNICAR:

## um desafio que perpassa a história

No início da história da humanidade, o homem buscou de várias formas se comunicar, transmitindo aquilo que sabia ou que queria deixar para outros como legado de suas descobertas. Usou de desenhos e escritas rudimentares nas cavernas, talhou objetos que por si só já comunica algo pelo seu valor histórico ou cultural. Com o desenvolvimento, anos depois inventou a escrita (reservada a poucos). Usava dos documentos para informar algo à população; adestrou e treinou o pombo para que encaminhasse cartas às pessoas. Inúmeras vezes o que acontecia de um lado do continente o outro só saberia muitos meses depois à precariedade dos meios de comunicação. Havia barcos que, além de mercadorias, levavam informações, documentos, correspondências, mas tudo com muito atraso.



Nas antigas povoações, o silêncio pairava no ar quando não havia acontecimentos extraordinários. Ouviam-se o som das crianças correndo pelas vielas, travessas, becos; mulheres conversando em busca de água da fonte principal ou lavando roupas; os homens tratando de negócios, feirantes, cavaleiros, carroças e carros de boi trazendo a colheita e mantimentos para a venda. A comunidade compreendia tudo isso como uma forma de se comunicar e entender as relações sociais no lugarejo de forma simples.

Quando os sinos da igreja tocavam, era um momento de parar para ouvir os seus badalados que, mesmo sem falarem, todos sabiam decodificar a mensagem dos seus soares. Os sinos das Igrejas principais, nas matrizes, comunicavam o que aconteceria ali naquele momento: missas, batizados, casamentos (tom festivo),



eleições, comunicados gerais, visitas de pessoas ilustres como presidentes, governadores e outros. Isso era um convite destinado a toda população local. Mas noutros tons menos festivos ou fúnebres chamava a atenção ainda mais. Alguns se perguntavam: "Por quem os sinos dobram?" Logo a notícia se espalhava e todos ficavam sabendo quem havia falecido.

Através de experimentações e pesquisas, aos poucos, surgiu o telégrafo, muitos anos depois os rádios à vál-

vula, depois com transistores. As igrejas, já com alto-falantes, pouco dependiam dos sinos, pois as cidades cresciam. Depois os correios, telefones, televisões, mas, em determinada época quase ninguém tinha acesso. Mas o famoso radinho



de mesa esse era o companheiro de todas as horas. Este era composto de ondas curtas, médias e tropicais. Ouviam-se músicas, rádio-novela, simpatias, horóscopos, causos, orações, futebol. As frequências não eram muito boas tendo em vista que as emissoras ficam longe, noutros estados, o que comprometia o sinal.

No decorrer do tempo, a modernidade foi agregando mais valor aos meios de comunicação, melhorando cada vez mais. O rádio, a televisão que tinham grandes tamanhos e demoravam alguns minutos para funcionar, ficaram tão pequenos que podem obter imagens e sons no dispositivo móvel em tempo real. Os computadores



que ocupavam até um andar de um prédio hoje podem ser levados para qualquer lugar.

Os correios eletrônicos e redes sociais, através da internet, levam a notícia sobre o que acontece aqui e agora em tempo bem diminuto. As

cidades cresceram e as realidades são outras em vistas de um passado. Quase não há mais avisos em alto-falantes exceto em lugares pequenos. Os sinos não têm mais o destaque de outrora. As rádios AM não alcançam mais tantas pessoas como antes. Os novos modelos vindos da FM trouxeram mudanças e até cópias de programas das frequências de AM. Hoje se valoriza um contexto dos anúncios locais, vendas de produtos e as informações da região.

A comunicação hoje se tornou algo global. Tem-se acesso a tudo no mundo virtual e nas diversas formas de se conectar. Todos os dias muitos se conectam com um mundo de informações e dados



variáveis. Um mundo que pode nos ajudar, mas por outro lado, se for usado negativamente, pode trazer prejuízos à humanidade. Além disso, ajuda na criação de laços de amizades, na pesquisa, nos descobrimentos e tudo que melhor lhe convier. Mas pode também individualizar, oprimir e desinformar.

**Marcus Santiago**